

BONAMINO, Alicia M. C. *O Pensamento Pedagógico-Político de Dermeval Saviani : até que ponto Gramsci?* Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica, 1989. Dissertação de Mestrado (Departamento de Educação).

CALDART, Roseli Salete. *Educação em Movimento: formação de educadores e educadores do MST*. Petrópolis: Vozes, 1997.

- *Escola é mais que escola na Pedagogia do Movimento Sem Terra*. Editora Vozes: Petrópolis, 2000.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Contra Corrente*. São Paulo: Cortez, 2000

- *Gramsci: um estudo sobre o seu pensamento Político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999

- *A democracia como valor universal*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1980

FERNANDES, Bernardo Mançano. *A formação do MST no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere. Volume 1.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

- *Cadernos do Cárcere. Volume 4.* Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2001.

GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. (Mimeo)

- *Limites e possibilidades de Marx e sua dialética para a leitura crítica da história neste início de século*. In: Frigotto e Ciavatta (org) *Teoria e Educação no Labirinto do Capital*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

- *O socialismo e o indivíduo*. In: *O indivíduo no socialismo*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

- *Hegel: A razão quase enlouquecida*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

- *O Marxismo da Melancolia*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

LÖWY Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.

- *Ideologias e Ciência Social: elementos para uma análise marxista*. São Paulo: Cortez, 1985

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, E. P. U., 1986.

LUNA, Sérgio de Vasconcelos. *Planejamento de Pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1999.

SEMERARO, Giovanni. *Gramsci e a sociedade civil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

SETUBAL, M. A. *Escola como espaço de encontro entre políticas nacionais e locais*, São Paulo, n. 102, p. 121-133, nov. 1997.

STEDILE, João Pedro e FERNANDES, Bernardo Mançano. *Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1999.

**Entrevista realizada em março de 2002 com João, do MST.**

## ENTREVISTADOR

Queria que você me falasse sobre como você entrou no Movimento e em que setor do Movimento você atua hoje.

## ENTREVISTADO

Eu fui exilado, quando voltei – eu tenho uma formação na área de desenvolvimento agrícola – fui trabalhar na Comissão Pastoral da Terra, como assessor da Comissão Pastoral da Terra. E na Comissão Pastoral da Terra nós acompanhamos o nascimento do Movimento Sem Terra aqui no Rio de Janeiro e participamos, inclusive, do primeiro congresso do Movimento Sem Terra. E, posteriormente, então... eu estou aqui temporariamente como assessor da bancada do PT, aqui na liderança do PT, e eu sou membro da criação do Movimento Sem Terra.

## ENTREVISTADOR

E hoje você atua em algum setor específico do Movimento?

## ENTREVISTADO

Sim. No momento eu estou trabalhando, sobretudo, no setor de comunicação do Movimento...

## ENTREVISTADOR

Aqui no Estado do Rio?

## ENTREVISTADO

Aqui no Estado do Rio. E também estou atuando na Frente de Massa que é um outro setor que organiza os trabalhadores.

ENTREVISTADOR

Embora você tenha trabalhado na Pastoral você não é religioso?

ENTREVISTADO

Não.

ENTREVISTADOR

Porque então você foi trabalhar na Pastoral?

ENTREVISTADO

Exatamente pela importância que a Pastoral tem na organização dos trabalhadores e pelo entendimento e sensibilidade que eu tinha da importância, também, desse trabalho de organização dos trabalhadores, e aí eu fui trabalhar como assessor da CPT.

ENTREVISTADOR

E nesse trabalho você entrou em contato com uma forma, talvez, de fazer política “especial”, por estar num movimento religioso?

ENTREVISTADO

A própria CPT, ela não se define como um movimento estritamente religioso. A CPT teve a sabedoria, desde o início da sua formação, de ser uma pastoral ecumênica, e ela então chamou diversas pessoas de formação marxista para fazerem parte da sua assessoria. E ela entendia isso como um trabalho com as populações, enfim, isso era claramente encarado como um trabalho ecumênico.

ENTREVISTADOR

E você saberia me dizer um pouco no que consiste esse trabalho ecumênico?

ENTREVISTADO

Com várias crenças e com pessoas que não tem crenças religiosas, onde a preocupação é exatamente com a organização dos trabalhadores: criar condições para que os trabalhadores encontrem um espaço na nossa sociedade, de participação política.

E o MST de certa forma deu continuidade ao trabalho da CPT. Eu estou certa?

ENTREVISTADO

Exatamente.

ENTREVISTADOR

Algumas manifestações, certas atividades, como por exemplo, a Mística, que o pessoal chama de Mística, é um encontro onde as pessoas cantam, podem celebrar uma missa, e que falam também sobre política. Nesses encontros também se pode falar sobre política, estou certa?

ENTREVISTADO

Claro.

ENTREVISTADOR

Essa é uma visão mais ampla, digamos assim, diferente da de um sindicato, por exemplo, de uma atividade política de um sindicato, estou certa?

ENTREVISTADO

Sim... e que eu acho que esta relacionada com a diversidade de crenças religiosas, que existe na população da área rural, de opções...

ENTREVISTADOR

De qualquer forma, eu acho muito interessante como você pode trabalhar com pessoas de crenças diversas e as pessoas não entrarem em conflito umas com as outras. E eu gostaria de saber como o MST consegue ter uma certa unidade apesar dessas diferenças.

ENTREVISTADO

Essa questão da unidade se colocou desde o início da formação do Movimento, e, também, a questão de o Movimento ser alicerçado em alguns princípios, alguns princípios que na verdade presidiram a formação do Movimento. A questão da unidade, ela se coloca, sempre, como uma unidade que é preciso estar sempre construindo. A unidade não é uma coisa apriorística, em que são colocados todos aqueles que pensam exatamente igual, mas é um processo permanente de construção e de reconstrução, e, na verdade, esse é um dos valores fundamentais para a construção do Movimento Sem terras: a existência de uma democracia, dos fundamentos que permitam que as mais diversas posições ganhem expressão. Embora, evidentemente, no embate com os adversários seja necessário também nós termos uma unidade de ação, construir permanentemente uma unidade de ação, mas num processo onde todas as posições possam se explicitar, se colocar. Depois, a população da área rural tem as mais variadas crenças, ela não tem ainda uma vida cidadã, uma participação maior na vida da cidadania, uma participação política. Então é fundamental que o Movimento, por ser um movimento popular, por ser um Movimento construído com os trabalhadores rurais sem terra, trabalhe, evidentemente, todas essas opções, todas essas crenças que existem na área rural.

#### ENTREVISTADOR

Que não impede a formação de uma consciência política, no caso?

#### ENTREVISTADO

Não. E eu acho também que essa questão da construção de uma consciência política, ela tem que se alicerçar nos valores positivos que existem na população da área rural, e num processo gradativo ir criticando valores conservadores que também contaminam a população da área rural. Pelo ponto de vista do grande contingente de pessoas, na verdade você só pode mudar, ou transformar essa consciência, num processo de participação massiva, nas lutas, nos processos de lutas, e num processo de avaliação crítica das lutas, pelo qual a população vai percebendo e se dando conta de quem são seus adversários, de como lutar melhor para vencer esses inimigos. Então as pessoas vão adquirindo uma consciência mais clara do Estado, da natureza do Estado, e de como levar adiante a luta. São

processos ao mesmo tempo de reflexão e, portanto, em parte, teórico, mas, sobretudo, prático.

ENTREVISTADOR

Principalmente nesse momento.

ENTREVISTADO

É.

ENTREVISTADOR

Inicialmente é principalmente prático.

ENTREVISTADO

Porque as pessoas estão motivadas para resolver as suas questões imediatas...

ENTREVISTADOR

É, porque nas entrevistas que eu já fiz uma coisa recorrente, que se repete, é isso: que o ato de ocupar a terra é um momento ainda bastante importante para a mudança, digamos assim, é o primeiro passo para a mudança de consciência, para uma percepção. Você concorda? Você acha que tem a ver com aquilo que você falou?

ENTREVISTADO

Concordo. Eu acho que essas vivências, essa experiência prática, efetiva, e esses confrontos, esses enfrentamentos que se dão com o Estado, com o sistema de dominação, são esses elementos de enfrentamento que são realmente significativos para as pessoas adquirirem uma consciência crítica.

ENTREVISTADOR

Por outro lado você acha que a própria fé religiosa também é motivadora?

ENTREVISTADO

Sim, sim.

## ENTREVISTADOR

Porque as pessoas, a população, em geral, têm muita fé.

## ENTREVISTADO

Sim, sim. Em diversas situações bastante críticas, situações de despejo, essa fé que as pessoas têm, essa fé religiosa, ela vêm à tona e dá para as pessoas uma capacidade maior de lutar, de resistir. Em diversas situações críticas é muito recorrente.

## ENTREVISTADOR

Eu acho interessante, também, isso que eu acho que os teólogos da libertação, quer dizer, que as pessoas que trabalharam nas Pastorais e que adotaram princípios da Teologia da Libertação fazem, que é uma leitura da Bíblia, principalmente da parte do Êxodo, que é bastante interessante porque começa a tirar um pouco aquela idéia da história divina e humaniza, trazendo a história do povo. Quer dizer, a partir do próprio documento religioso - o maior - é possível se fazer uma leitura que não seja conservadora, enfim.

## ENTREVISTADO

Sim, sim. Isso a CPT fez muito.

## ENTREVISTADOR

Eu acho que o MST faz um pouco também isso. Pelo que as pessoas me falaram, elas deixam de celebrar a história divina, o Deus, e começam a celebrar a união delas ali, a luta, as conquistas. E então as coisas se modificam a partir do que existe, quer dizer, não é uma coisa imposta, é a partir da própria experiência. Agora, você percebe mesmo que as pessoas que participam do MST elas vão mudando a postura delas? Isso é uma coisa a olhos vistos?

## ENTREVISTADO

É uma coisa a olhos vistos, porém, não é uma coisa tão rápida. É um processo gradativo de mudança.

## ENTREVISTADOR



Talvez com as lideranças seja mais fácil ver essa mudança?

#### ENTREVISTADO

Sim, mas é um processo sempre demorado. Essa coisa de mudar a cultura, a consciência, esses processos mais educativos, são sempre processos mais demorados. E se não for um processo continuado, por vezes há uma volta para traz, as pessoas acabam tocando suas vidas conforme aqueles valores, aqueles comportamentos que presidiram o processo anterior.

#### ENTREVISTADOR

E o que você acha que mais contribui para que isso não aconteça?

#### ENTREVISTADO

Existe em geral nessa luta pela terra um processo inicial que é muito de enfrentamento, de luta, muito “politizador”, onde tudo está em Movimento: o processo inicial de ocupação. Depois existe um momento seguinte, que é o momento chamado de assentamento, que as famílias são assentadas na terra, e que é um processo que se não for acompanhado do ponto de vista da organização da vida das pessoas naquele espaço territorial que elas conquistaram, de uma série de lutas agora com caráter diferente, por condições de vida, por educação, por escola..., se não houver uma permanência desse processo educativo, que começa de uma forma muito mais forte no momento da conquista de terra, se isso não tiver continuidade realmente fica complicado. Então um dos esforços muito grandes do Movimento é de..., não de querer pensar em modelos ideais de assentamento, mas de organizar a vida social no assentamento, de tal forma que as pessoas se mantenham próximas. Por exemplo, que as moradias sejam próximas, não com uma distancia tão grande que fique difícil das pessoas se reunirem, fazerem reuniões, se encontrarem, manterem convivência. Então essas questões hoje estão sendo pensadas - mas eu diria, já nesses últimos anos - estão sendo pensadas para se conseguir criar aquilo que nós chamamos de unidades de resistência após a conquista da terra, para que se possa, portanto, continuar tendo núcleos de famílias, de moradores vizinhos, para que se possa continuar esses processos educativos de participação na vida política-social do país, para que as

coisas não morram no momento em que o conflito não está mais tão presente, ou não está presente de uma forma tão aberta com a sociedade.

ENTREVISTADOR

Nessas horas eu acho que talvez o espaço da escola, o espaço da igreja, ainda seja um espaço que ...

ENTREVISTADO

De vida social.

ENTREVISTADOR

É, ainda são os espaços que existem de socialização das pessoas, então eu acredito que num assentamento seja importante ter o lugar da Igreja, da escola...

ENTREVISTADO

Sim, sim. Da associação também. E existem algumas experiências com êxito, no sentido de que, no mesmo espaço físico, as diversas denominações religiosas, a associação dos trabalhadores rurais daquele assentamento e a escola, por vezes, tudo é abrigado no mesmo espaço físico. Isso não se passa sem um imenso trabalho de costura, para que nenhuma denominação religiosa se sinta dona...

ENTREVISTADOR

Ou discriminada.

ENTREVISTADO

Ou discrimine os demais, se aproprie do espaço.

ENTREVISTADOR

Nessa tua experiência o que é mais importante nesse processo? Você já falou um pouco disso... na hora de construir esse espaço que possa ser mais de unidade, pelo menos que possa trabalhar com as divergências sempre procurando deixar claro o que é mais importante, quais são os valores que são mais importantes?

ENTREVISTADO

Hoje a sociedade brasileira vive momentos de crise de valores, o neoliberalismo acaba com os valores tradicionais, e é muito importante se trabalhar permanentemente a questão dos valores da solidariedade.

#### ENTREVISTADOR

E isso é possível de se trabalhar no Movimento até porque as pessoas realmente estão juntas ali, estão vivendo na prática uma ação solidária, mesmo, de estar junto, de dividir, de lutar junto.

#### ENTREVISTADO

Perfeito. Há uma unidade entre a prática e a teoria.

#### ENTREVISTADOR

Isso é fundamental, eu acho que o MST tem um grande trabalho que é de tentar não criar uma distância entre os valores, entre aquilo que é pronunciado, vamos dizer assim, e a prática, e a vida cotidiana.

#### ENTREVISTADO

E tudo isso é muito difícil, porque na verdade eu acho que o Movimento trabalha com as pessoas que estão realmente à margem da sociedade. Não só apartadas da terra, mas apartadas de tudo, da escrita - a população em geral não sabe ler nem escrever - e que temos diversos casos de meninos de rua que acabam se integrando no Movimento, e é um processo muito demorado, muito difícil, porque as pessoas vêm de uma vida muito desarraigada, moradores de rua. Aqui mesmo no Rio de Janeiro temos vários casos de como é possível que essas pessoas se tornem cidadãos, que participem da vida política, social.

#### ENTREVISTADOR

O MST abre uma porta para isso?

#### ENTREVISTADO

É, de promover as pessoas. É muito interessante. Agora é um processo difícil, de idas e vindas.

## ENTREVISTADOR

O MST tende a ter cada vez mais lideranças? Existe um movimento de formação de lideranças?

## ENTREVISTADO

Existe e existe um programa, que para o Movimento é prioritário, que é um programa nacional de formação da base. Então, para além de existirem escolas de formação de lideranças, hoje um dos programas mais importantes do Movimento é o de formação da base, para que, exatamente, através de núcleos num lugar de moradia, de núcleos num lugar de trabalho, se possa ter permanentemente reuniões, discussões, análise do (inaudível). Já passamos o tempo de fazer formação através das assembléias, a formação é feita nos núcleos de moradia e existe um esforço muito grande da direção nacional no sentido de multiplicar cada vez mais a formação desses monitores da base e do trabalho na base.

## ENTREVISTADOR

Inclusive para não criar uma distância entre a base e as lideranças.

## ENTREVISTADO

Por isso e, sobretudo, porque nós percebemos que o Governo, nos últimos anos, se tornou muito mais eficaz, no sentido de tentar, com projetos tipo banco da terra, com uma série de projetos diversionistas e criação de agentes locais, tentar desviar as reivindicações dos trabalhadores, no sentido, por exemplo, da solução do desenvolvimento local. Então nós percebemos que é absolutamente fundamental esse trabalho permanente de promoção da base. E hoje há um esforço muito grande nesse sentido.

## ENTREVISTADOR

E isso que o Estado procura fazer, de dispersar, de certa forma várias Igrejas também procuram fazer. Você diria isso? Que existe um movimento de certas Igrejas que podem dispersar bastante as pessoas?

## ENTREVISTADO

É recorrente o crescimento das Igrejas Evangélicas que não tem essa relação com a vida e que por vezes criam uma série de problemas, em alguns assentamentos mesmo.

ENTREVISTADOR

Porque o Movimento é aberto...

ENTREVISTADO

Ele trabalha com todos. Porém, aqueles que não pensam assim, que tem uma visão sectária, algumas seitas religiosas, de certa forma reagem em alguns lugares...

ENTREVISTADOR

Mesmo estando dentro do MST?

ENTREVISTADO

Não diria dentro do MST, porque essa fronteira de quem esta dentro e de quem esta fora não é muito claro, afinal, ninguém tem ficha de filiação, mesmo em áreas onde (inaudível) o MST tem um acompanhamento, tem todo um trabalho.

ENTREVISTADOR

E pode criar ali um choque de concepções.

ENTREVISTADO

De visões.

**Entrevista realizada em novembro de 2001 com Carlos.**

## ENTREVISTADOR

Primeiro eu queria que você me falasse um pouco sobre como você entrou no Movimento.

## ENTREVISTADO

Meus pais são camponeses, até hoje moram no norte do Rio Grande do Sul. Então havia uma defasagem na quantidade de técnicas disponíveis na área do meu pai, na área que meu pai possui. Nós somos 9 irmãos na família, portanto o que a gente sabia fazer era trabalhar com a roça. Aí eu concluí o Primeiro Grau numa escola lá, e conheci o MST, conheci pessoas do MST. Aí eu voltei para casa, depois de concluir o curso de Primeiro Grau, e falei pro meu pai: “Olha, eu estou indo para um acampamento do MST, eu acho que é legal, que é importante (essa era minha idéia), lá as pessoas conquistam as suas terras, criam cooperativas, compram máquinas, enfim...” Esse era o meu sonho inicial, ir lá pra o MST, conquistar terra, construir cooperativas...

## ENTREVISTADOR

A própria experiência do teu pai te fazia achar que era importante o MST.

## ENTREVISTADO

Era a única possibilidade que aparecia. Por quê? Meu pai não tinha condições de comprar uma terra, que nem o agricultor tem de comprar, e o MST me

proporcionava isso. Então esse foi o meu primeiro objetivo, de entrar no MST. Depois vieram coisas que aconteceram no decorrer do caminho.

ENTREVISTADOR

Isso foi quando?

ENTREVISTADO

Final de 94. Então tem 8 anos que eu estou no MST.

ENTREVISTADOR

Quantos anos você tem?

ENTREVISTADO

25 anos.

ENTREVISTADOR

Quando você entrou você começou a fazer o quê no MST?

ENTREVISTADO

Aí eu fui para o acampamento, eu fui acampar, eu fui morar em acampamento do MST, fui da coordenação, da direção daquele acampamento, que era enorme, acho que com 1.200 famílias, então eu fazia parte da coordenação do acampamento. Não sei como isso foi acontecendo, meio que naturalmente, fui ampliando o nível de consciência sobre a questão da terra, da Reforma Agrária, ampliando o conhecimento sobre o MST, sobre o que era o MST...

## ENTREVISTADOR

Fazendo cursos ou...

## ENTREVISTADO

As duas coisas, na experiência concreta, vivendo no acampamento com as lideranças do Movimento no Estado, também fazendo curso de formação, que é uma prática intensiva dentro do movimento, com os novos militantes, e fui me tornando um militante, me tornando um dirigente do MST no decorrer dessa minha entrada. Foi meio que rápido esse processo, entendeu? Eu sair de casa, ir para o acampamento e me tornar um militante, um dirigente do Movimento, foi um processo meio que gradativo, porém surpreendente...

## ENTREVISTADOR

Foi surpreendente em relação às outras pessoas que entram no MST, a sua trajetória ?

## ENTREVISTADO

Foi rápida. Eu não sei como explicar. Foi acontecendo no decorrer da minha participação no MST. Eu sempre gostei, talvez na verdade tenha uma origem, antes de eu entrar na escola, antes de eu concluir o Primeiro Grau eu tinha lido um livro sobre MST, cujo título era “O Massacre em (inaudível).” Um fato ocorrido no Rio Grande do Sul, vários agricultores se feriram, enfim, com a polícia... Eu tive um contato anterior antes de conhecer, eu conhecia pela mídia e li esse livro. Talvez venha da minha origem.... participava do grupo de jovens, essas coisas.



## ENTREVISTADOR

Grupos de jovens já estão ligados à Igreja?

## ENTREVISTADO

Exato. Eu acho que a origem principal está aí, de eu conhecer um pouco o que é a realidade do campo, enfim, então eu conheci essa questão da luta pela terra, não do MST, mas a luta da terra anterior a minha entrada no MST, no curso da Pastoral da Juventude, onde eu li o famoso livro a que me referi anteriormente, e aí que eu tive mais contato com o mundo. Por quê? Porque em geral o camponês e os filhos do camponês estão muito afastados da comunicação e afastados dos acontecimentos políticos. Isso é uma característica do camponês, do jovem camponês, estar afastado. O camponês tem dificuldade em se ligar, por estar numa região deslocada, no interior, distante da cidade, distante dos jornais, enfim. Então eu consegui furar esse bloqueio participando das Pastorais da Juventude. Se você pegar a história do MST, e as lideranças nacionais, hoje, que você vê por aí, tem sua origem na Igreja Católica: João Pedro Stédile, Ademário Gogo, o Zé Rainha, o Vilmar Mauro, todos. Porque o MST é jovem, tem 18 anos. O primeiro contato com a vida política, enfim, foi na Igreja, nas pastorais sociais.

## ENTREVISTADOR

Como é que era? Você pode falar só um pouquinho de como eram esses encontros, do quê vocês falavam?

## ENTREVISTADO

No Rio Grande do Sul, no sul, sobretudo, no Rio Grande em particular, existe a Pastoral da Juventude Rural, é um departamento da Igreja, dos jovens, que cuida dos jovens do meio rural. Então realizam encontros de formação para discutir a realidade do jovem no meio rural, encontros que colocam o jovem a par de projetos para a agricultura, que informam sobre a realidade econômica do país, sobre a agricultura. Então a Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul promovia, promove até hoje eventos desse tipo, de formação para os jovens do meio rural. Eu tinha... o meu primeiro envolvimento eu acho que eu tinha, 12, 13 ou 14 anos, eu era muito jovem na época, eu era muito jovem nos primeiros cursos que eu participei.

ENTREVISTADOR

A formação da tua consciência política começou aí e depois, se intensificou no MST?

ENTREVISTADO

Exatamente. Começa aí. Eu acho que o marco fundamental de abertura para a realidade do mundo é aí.

ENTREVISTADOR

Mas como um encontro de formação religiosa trata de questões políticas?

ENTREVISTADO

No Rio Grande do Sul, sobretudo, que era a experiência que eu vivia era muito forte a Teologia da Libertação. Sabe, com a teoria e uma prática da igreja universal, que concilia teoria divina da Igreja, teoria católica, com uma prática também inserida no dia-a-dia. Então a Pastoral da Juventude do Rio Grande do Sul tinha essa característica de conciliar a teoria com a prática. Veja o que se passava naquela época. Tudo bem, todo mundo quer ir pro céu, mas a gente tem uma vida aqui na Terra... a nossa vida aqui é concreta e nós, jovens somos hoje explorados, somos alienados das informações. Então o mundo que é sonhado no céu, nós temos que construí-lo aqui na Terra. Isso era um marco daquele momento. Por isso que conciliava, então, Igreja e realidade, eu achava, acho hoje com muito mais convicção, que eles estavam absolutamente corretos nessa conciliação. Infelizmente, hoje, as igrejas que a gente tem se desvirtuam um pouco, mas eu concordava e concordo com aquela prática de formação; senão a Igreja se torna ou se tornava mais uma contribuição pra alienar o jovem. E é pra libertar, no meu ponto de vista.

#### ENTREVISTADOR

Você acha que é importante, pra quem quer exercer uma prática política, visando as mudanças sociais, o pensamento religioso, a religiosidade?

#### ENTREVISTADO

Depende da ótica que a gente tem. Falo baseado na minha experiência concreta e baseado no que eu entendo disso teoricamente. Peguemos o meu exemplo, a minha origem, o fato de eu estar no MST também se deve à Igreja Católica. A Igreja Católica mais progressista, a do Rio Grande do Sul.

ENTREVISTADOR

Mas você sabia que era Teologia da Libertação na época?

ENTREVISTADO

Sabia que tinha um ramo da Igreja que trabalhava nessa perspectiva, e que tinha um outro que era mais conservador.

ENTREVISTADOR

Desde que você entrou na Pastoral da Juventude, você sabia que você estava nessa ala mais progressista ?

ENTREVISTADO

Exato. Então a minha origem está aí. E também a origem do MST está aí também. Se você pegar os livros contando a história, você vai ver que é por aí a origem do MST, sobretudo do sul. Então, o que eu acho da religião baseada na experiência concreta e vivenciada, que eu imagino do ponto de vista mais teórico, é que a religião é um dos caminhos, é um caminho possível pra se ampliar o nível de consciência, para se entender a realidade que a gente vive, enfim, para transformá-la também. Então é um dos caminhos possíveis a religião. Não é o caminho.

ENTREVISTADOR

Entendi. Agora, o que tem de especial esse caminho, você saberia dizer?

ENTREVISTADO

Quando eu falo que é um caminho possível, é pelo seguinte, ela também pode ser um instrumento que não liberte, que não transforme, então pode ser um instrumento de alienação, de dominação. Então o caminho da Igreja que tende a ser mais progressista, que se iniciou com a Teologia da Libertação, foi constituído por uma prática de conciliar mais religião com vida concreta, com vida prática. Ao fazer isso, o que, sobretudo a Pastoral da Juventude, fazia? Várias comunidades do interior, do interior do Brasil, do interior do Rio Grande do Sul, iam reunindo os jovens e fazendo curso de formação, orientando pra dizer o seguinte: a nossa sociedade, a nossa vida não é somente a nossa terra, vai muito além da terra, tem igreja, tem partidos políticos, tem governo, a gente vota, enfim, tem a participação da sociedade como um todo. Só que há alguns que se apropriam de riquezas, se apropriam de poder, e outros que ficam sem riqueza, sem poder, enfim. Certamente os agricultores se encontram numa situação muito... muito aquém dessa participação na política, nos rumos do país. Então essa era a prática da Pastoral da Juventude, de esclarecer sobre essa realidade em que vivem os jovens, filhos de camponeses, lá no Rio Grande do Sul. Tinha outro lado, e até o MST carrega isso hoje, na sua história, é que nós mais tarde fomos apelidar isso de mística no MST, fomos denominar isso de Mística. O que acontecia no meu tempo da Pastoral da Juventude, certamente no início do MST? Existia muita animação, muita música, muito canto, muitos cânticos, enfim, tinha um lado de discussão política, de entender a realidade, mas tinha um lado mais festivo da animação, que acontecia de forma simultânea à formação, à formação política e ideológica. Então esse lado da animação, do violão, da música, da percussão, foi um dos motivadores para mim também, eu sempre gostei de tocar, enfim de música. Hoje o MST se apropria disso de forma extraordinária, disso que a gente

denominou de mística e que a gente usa com frequência em todos os encontros e eventos nossos, esse lance da reflexão, da música, do canto, enfim, eu acho que essa é outra característica fundamental que vai deixando marcas, não somente no lado de ampliar o nível de consciência política, mas... não sei explicar, mas de elevar um pouco aquilo que está dentro das pessoas, no sentimento. Acho que trabalha-se, trabalhava-se também com motivações amorosas, digamos assim, no sentido mais amplo... imprimia nas pessoas a vontade de estar, de participar, de ir a encontros, enfim, de ter participação ativa.

#### ENTREVISTADOR

É diferente, por exemplo, de uma missa que alguém vai e celebra, e você... enfim, acompanha. Na missa, geralmente, você tem um padre, um pastor, vamos dizer assim. Aí, no caso, as próprias pessoas é que faziam a música, não era isso?

#### ENTREVISTADO

Exatamente. Esse caráter, que existia na Igreja, da animação, da discussão de formação, de ampliar o nível de consciência, eu acho que isso é o papel, a meu ver, trazendo pra hoje, hoje em cima do acontecimento, é um papel correto, porque é quando a Igreja começa a servir para libertar, usa a sua teoria, sua prática para libertar as pessoas, no meu ponto de vista isso é correto, isso é preciso. Quando ela utiliza a sua teoria, a sua prática, não para libertar, quando a teoria serve para conservar ou para alienar as pessoas, a meu ver, peca e erra. Parte da iniciativa da Igreja, hoje, tende a ser conservadora. Parte da CNBB, inclusive, tende a ser conservadora, porque não usa a sua teoria para libertar as pessoas. Eu acho que isso é errado porque mantém as pessoas alienadas.

## ENTREVISTADOR

Você, desde que entrou na Pastora e depois no MST, se sente cada vez mais atuante?

## ENTREVISTADO

Lógico. Exatamente. Acho que é um processo de a gente perceber o que é... um pouco mais o sentido da vida, o sentido da vida dentro de uma sociedade determinada. Porque as pessoas podem dar sentido à vida, mas têm de dar sentido à vida dentro de uma sociedade que tem Sem Terra, enfim, que tem partido político, que tem...

## ENTREVISTADOR

Não é o sentido individualista, é o sentido...

## ENTREVISTADO

É mais amplo, de entender a realidade, isso é fundamental. Parênteses. Eu tive numa missa de casamento de uma prima minha, recentemente, e na hora do cerimonial, em que o padre vai falar, fazer os comentários sobre o casamento e tal, aí o comentário do padre é absolutamente alienado, ele, sem informação da vida, da realidade, transmitia aquilo de forma absurda. Eu falava para o meu irmão: “Esse padre é burro pra caramba.” Porque não usava daquele espaço pra... eu acho que para esclarecer as pessoas: “Vocês estão casando, tomara que vocês dois tenham emprego, trabalhem. Se esforcem para que vocês mantenham seus os filhos na escola, rezem também, mas seus filhos devem ir pra escola.” Esse seria um papel importante da Igreja, da Igreja Católica, que eu estou mais a par; em

grande parte ela não cumpre bem o seu papel, nunca cumpriu, na verdade, mas atualmente não cumpre e deveria cumprir e incentivar o avanço da consciência das pessoas sobre a realidade, porque mal ou bem, a Igreja Católica, as igrejas, as religiões têm um peso muito grande na estrutura de uma sociedade. Mesmo as pessoas não indo muito à igreja, as pessoas têm um vínculo próximo com Deus.

#### ENTREVISTADOR

Você acha que a religião também é importante para impor limites, para ensinar o que é errado ou certo. Você acha esse que é também o papel da religião?

#### ENTREVISTADO

Não sei. Eu acho que a igreja, a religião não pode ditar o que é certo e o que é errado, eu acho que ela deve, sim, esclarecer sobre várias coisas. Se a gente for ditar o que é certo e o que é errado corre o risco de errar, porque, veja, a Igreja Católica tem na sua estrutura hierárquica: papa, cardeais, então quem dá a última palavra é o Papa. Então a decisão sobre o que é certo ou errado é a consciência dele. Nesse sentido é impossível dizer se está certo ou se está errado. Então não cabe, a meu ver, a alguma criatura divina dizer o que está certo e o que está errado. Mas é papel, sim, repito o que eu já afirmei anteriormente, é o papel de uma religião o de ampliar o nível de consciência das pessoas.

#### ENTREVISTADOR

E aí ela faz as escolhas a partir dessa consciência, e não por regras.

#### ENTREVISTADO



Certamente... Veja o exemplo concreto, certamente não foi nenhum agente, nenhum padre que disse: “José Luiz Patola, vá para o MST.”

ENTREVISTADOR

E a idéia de pecado?

ENTREVISTADO

Não. Eu estou entendendo, mas eu acho que não existe pelo que eu estou entendendo da sua pergunta.

ENTREVISTADOR

Por que, na religião geralmente... coloca o bem e o mal. Se existe Deus, existe o bem e o mal?

ENTREVISTADO

Pra mim ou para o MST?

ENTREVISTADOR

Só que o MST tem muita gente, então você não pode falar pelas outras pessoas, eu estou perguntando “você”.

ENTREVISTADO

Com certeza eu não posso (riso). Eu nunca fiz isso. Mas veja, se existe o bem e o mal, eu acho que isso é um assunto muito de juízo pessoal, tanto que eu emito a minha opinião também sobre isso, eu não sei se existe Deus, na verdade. Confesso

que... eu particularmente confesso que... tem a fé, as pessoas lá têm fé, eu acho que ter fé independe de ter Deus ou não. Então eu não sei se isso se concretiza na prática, a existência de um deus. Veja, se você pegar os antigos, são vários deuses, se pegar os povos indígenas tem vários deuses, se pegar os povos de origem africana têm vários deuses, então não existe um deus. A igreja Católica, você há de concordar comigo, prega a existência de um deus pai, onipotente, onipresente, onisapiente, essas são as características do deus divulgado e empregado pela Igreja Católica. Apesar de eu ser, sempre fui católico, isso e aquilo, sempre vou à missa, comungo quando tenho oportunidade, mas particularmente eu não sei se há a existência desse ser onipresente, onipotente, onisapiente. Entretanto, eu acho que as pessoas têm plena liberdade de optarem por crerem em um deus, em dois deuses ou em quantos deuses quiserem. Eu acho que isso também para compressão holística do MST, do que se discute nas instâncias, o que está desenvolvido do ponto de vista da teoria do MST, é que as pessoas também têm essa liberdade dentro do MST. Então não necessariamente você para fazer parte do MST tem que ser católica, enfim, tem essa plena liberdade, o MST é um movimento de massas.

ENTREVISTADOR

É verdade.

ENTREVISTADO

Aceitam católico, evangélico...

ENTREVISTADOR

Eu sei que tem pessoas de todas as vertentes religiosas, de várias vertentes religiosas que participam do MST.

ENTREVISTADO

Então eu emiti a minha opinião muito particular e um pouco o que o MST compreende disso na sua história.

ENTREVISTADOR

O MST tem uma coisa que se chama ecumenismo, não é?

ENTREVISTADO

Hum, hum.

ENTREVISTADOR

Que é exatamente você tratar da religião de uma forma mais aberta, mais ampla.

ENTREVISTADO

Sem dúvida.

ENTREVISTADOR

O importante seria a fé?

ENTREVISTADO

Hum, hum.

## ENTREVISTADOR

A fé. Que horas que ela se manifesta, de que formas? Eu sei que é difícil falar sobre essas coisas, mas se você pudesse falar um pouquinho... Por exemplo, essa mística do MST tem alguma coisa a ver com essa fé?

## ENTREVISTADO

Eu não sei se... acho que ... dentro do movimento, como é essa linha de reflexão dentro do MST, não é uma fé unicamente cristã ou não, fé unicamente espiritual, mas também é uma fé na verdade que se materializa num sonho, e o sonho também possível de ser materializado. Então a fé não está, digamos, na vida eterna, por exemplo, ou na idéia de morrer e depois passar para outra vida.

## ENTREVISTADOR

Não é essa a fé?

## ENTREVISTADO

A fé não tem essa... não está concretiza apenas no sentido espiritual, mas a fé também está materializada, está no sentido concreto da coisa. E a mística, as místicas... o que são as místicas do MST? Ela aponta para um sonho, na verdade quando você vê uma abertura de um encontro, de um evento, a organização da mística, ela aponta para um sonho possível, ela aponta para um caminho, certamente não é o caminho da vida eterna, é o caminho possível de ser efetivado e concretizado na Terra. Eu acho que é um pouco de tudo, Cláudia, são várias coisas, uma que o MST é um movimento coletivo, o MST é uma constituição coletiva.

ENTREVISTADOR

Você acha que a tua fé aumentou depois que você entrou no MST? Essa fé de transformar as coisas?

ENTREVISTADO

Sem dúvida nenhuma.

ENTREVISTADOR

Mas você acredita na vida após a morte de qualquer forma?

ENTREVISTADO

Não posso dizer isso, porque... não porque eu não saiba, mas porque... não se tem algo, não se concretiza nada na vida após a morte. Eu não posso... ninguém me falou: “Olha, eu morri e estou aqui numa vida depois da morte.” Não sei. A meu ver inexiste vida, ausência de experiência prática, eu não posso acreditar numa coisa que não é prática.

ENTREVISTADOR

Agora, você falou que a Igreja conservadora tende a alienar as pessoas, você acha que isso enfraquece a fé?

ENTREVISTADO

Não, pelo contrário, eu acho que pode fortalecer a fé. Pega a igreja da Assembléia de Deus.

ENTREVISTADOR

As pessoas têm fé?

ENTREVISTADO

Tem uma fé tremenda. Se você pegar qualquer uma das pessoas, ela reza todas as orações possíveis, fala contigo, tem uma fé extraordinária, mas de que vale essa fé se ela não se materializa em nada? Tem um certo limite a fé, a fé com ausência de materialidade tem o seu limite, então esse limite é o Deus, onipotente, onisapiente e tal, então aí está o limite. Acho que é insuficiente. Eu acho que é um avanço extraordinário das pessoas quando elas podem entender que existe um deus onipresente, onisapiente, mas que ele não é o limite. Isso aí eu já li, um texto do Boff, do Leonardo Boff, que a pessoa pode ir para a igreja todos os dias, rezar duas horas, três horas, que se ela não trabalhar, não tiver um salário ela não vai comer, por exemplo. Então a meu ver é uma fé muito limitada. Eu, particularmente, ultrapassei esse limite de fé.

ENTREVISTADOR

Você já teve mais essa fé de acreditar um pouco que as coisas se resolvem por mágica?

ENTREVISTADO

Eu fui batizado, passei por Primeira Comunhão, passei por tudo dentro da Igreja Católica.

ENTREVISTADOR

Mas ao poucos sua fé se transforma numa fé mais concreta?

ENTREVISTADO

Eu acho que isso é fundamental.

ENTREVISTADOR

Você já viu alguém entrar no MST acreditando que rezar é o que faz mudar as coisas, e, com o tempo, essa pessoa foi mudando?

ENTREVISTADO

A gente vê muitas pessoas. O MST é um movimento que organiza camponeses e pessoas pobres, eu acho que é o movimento popular do Brasil que mais congrega pobre de vários, de vários credos religiosos, enfim, é comum as pessoas usarem o seguinte termo: “Ah, se Deus me ajudar eu vou conseguir a minha terra.” Isso é um fato e é presente. É então, a meu ver, é claro que se não ocuparmos a terra, se não formos para as passeatas, não vai sair a terra.

ENTREVISTADOR

Como liderança, você coloca esse tipo de coisa pras pessoas?

ENTREVISTADO

Numa escala muito gradual, gradativa, digamos assim, como a gente entende, no MST que, que é um grau de consciência achar que “Ah, Deus vai dar a terra”, a consciência das pessoas se modifica conforme elas vivem. Então eu não posso

chegar pra uma pessoa que acabou de entrar no MST, que montou a barracinha no acampamento e dizer: “Olha, não adianta você rezar que você não vai ganhar terra, tem que ir para o acampamento, para a manifestação, fazer a ocupação.” Enfim, é óbvio que não tem como chegar para as pessoas que têm uma tradição religiosa, cristã, como a gente falava no comecinho, a gente tem uma tradição, não dá para você romper essa tradição de forma simultânea, tem de ser de uma forma gradativa, então aí começa a trabalhar a formação política, ideológica, de aos poucos ir se desenvolvendo isso. E há 3 níveis de formação no MST, de ampliar o nível de consciência sobre a sociedade, sobre a realidade. Um, então, para os dirigentes do Movimento; um campo que são para os militantes que estão trabalhando e outra e a formação de base, as pessoas que estão lá, que o principal objetivo imediato é a conquista da terra.

#### ENTREVISTADOR

Tem gente que acha que orando...?

#### ENTREVISTADO

Sem dúvida nenhuma. Não que o MST seja culpado, é uma tradição que as pessoas têm. E entram no MST, e aos poucos vão aprendendo. Não digo que todas as pessoas conquistem a terra e saiam com esse nível de consciência elevada, muitos não ampliam, mas há o fato de entrar no MST, de fazer... a ocupação é uma ação totalmente coletiva, não existe dentro do MST como conseguir um pedaço de terra sem executar uma ação coletiva que é a ocupação da terra. Então às vezes as pessoas passam... o cara tem a família, o casal tem em média 35 anos,



digamos, nunca viveu uma experiência coletiva do tamanho dessa, de entrar, de ocupar a terra.

#### ENTREVISTADOR

De ele não está sendo mandado por ninguém...

#### ENTREVISTADO

Protagonista de sua história, de fato. Então mesmo a pessoa não percebendo, mas ele ampliou seu nível de consciência de forma brutal, porque as pessoas em geral (inaudível) pra buscar emprego na cidade, (só no Brasil que existe o movimento dos desempregados, isso é raro), eu vou citar só para exemplificar, no Rio de Janeiro existem dez mil secretários desempregados, não existe movimento de secretários, mas existe o movimento de pessoas que estão desempregadas da terra, que se unem de certa forma para ocupar essa terra, então isso é um avanço extraordinário, do ponto de vista concreto, e do ponto de vista teórico também, porque ocupar a terra (inaudível) propriedade privada, e a ação do MST procura romper com essa propriedade privada da terra e dividi-la com as pessoas.

#### ENTREVISTADOR

Então você acha que participar nesse ato coletivo é uma experiência que muda um pouco a visão de mundo das pessoas?

#### ENTREVISTADO

Sem dúvida nenhuma. O MST é uma grande escola, certamente as pessoas mudam, sobretudo as pessoas que fazem o trabalho de base, quem conhece o MST

desde a origem de um acampamento até a concretização do assentamento na terra, percebe que a mudança é muito precípua no comportamento das pessoas. E a gente acha que tem mudar pra ir construindo valores novos, construindo... e libertando as pessoas do ponto de vista de entender o mundo, de entender a realidade. O MST poderia não ser assim, poderia não procurar esclarecer as pessoas, não procurar desenvolver esse lado da consciência sobre a realidade, da consciência política, poderia não fazer isso, então isso é uma opção política do MST de fazer isso.

#### ENTREVISTADOR

Isso aí se desenvolve no ato de ocupar, mas também nas reuniões que vocês fazem com as pessoas. Como são essas reuniões?

#### ENTREVISTADO

Essa formação se desenvolve em várias frentes, se desenvolve também nos cursos, também no relacionamento do dia-a-dia do militante com a base do Movimento, mas a gente acha que a maior formação se dá na experiência concreta. E eu repito, é o lance de ir fazer a ocupação da terra, o lance de ir participar de uma caminhada...

#### ENTREVISTADOR

Mas, vamos colocar uma situação hipotética, se você está trabalhando com um grupo de frente de massa para a ocupação, e, na hora da ocupação as pessoas desistem, estão com medo, enfim, o que você diria a elas?

## ENTREVISTADO

Acontece de as pessoas não irem na hora e desistirem.

## ENTREVISTADOR

E você insiste? No caso, você já passou por isso?

## ENTREVISTADO

Vou te falar dois exemplos. Eu participei de várias ocupações já. Tem dois casos, o primeiro caso, a gente estava chegando na terra na hora da ocupação, tinha 3 ou 4 ônibus de pessoas, num determinado momento, na chegada, umas pessoas se recusaram: “Ah, não quero ficar aqui não. Isso aqui é muito ruim, a gente vai embora.” Falou pra mim. Eu falei “Ó companheiros, a opção é de vocês. Esse pessoal vai ficar, os 20, 30, 50 vão ficar. Vocês fazem a opção de vocês.” E voltou uns 10 no ônibus, foram embora, não ficaram. Depois, no outro caso, essas pessoas voltaram para tentar a Reinames de novo, no mesmo município, na mesma comunidade. Umas entraram realmente numa ocupação e outras não voltaram mais. E outro caso muito parecido com esse, na hora da decisão: “A ocupação vai ser a tal hora, vai ser hoje e tal.” Tinha uma assembléia com, sei lá, cento e poucas pessoas, umas 80 ou 60 que foram na noite. Ficaram com medo físico, medo do fazendeiro ou com ausência de convicção, de confiabilidade na ação do MST. E no decorrer do processo muitas pessoas desistem dos acampamentos, que normalmente o tempo de espera, de permanência nas barracas é muito longo, a vida é sofrida, o acampamento não é fácil, é difícil, as condições são difíceis. Então muitas pessoas desistem pelo caminho, entretanto muitas seguem, muitas vão e conquistam sua terra.

E conseguem conquistar depois a terra?

ENTREVISTADO

Todas as pessoas que entraram no MST até hoje, que entraram e permaneceram, umas demoram menos tempo outras mais, mas conseguiram suas terras, depende do grau de luta.

ENTREVISTADOR

Você acha que conseguindo a terra, a luta continua de que forma?

ENTREVISTADO

Eu acho que a terra é um passo, como fala um poeta: “Quando eu chegar na terra, lembro que tenho uns passos para dar.” E... com é? Um passo importante é a conquista da terra, sim, mas a conquista da terra não é o paraíso, é uma parte importante não tem nada que (inaudível) para o camponês a terra é importante, é fundamental. É o emprego dele. (inaudível) como fala em escolas, nas universidades: “para o camponês é o local de emprego dele”, falam assim: “Como seu pai é professor, digamos assim, para o camponês a terra é a profissão dele, trabalhar na terra.” Então é importante, é fundamental, mas não é o fim, porque nós vivemos numa sociedade que não distribui direito as riquezas e as rendas. Tudo bem. Então um dos maiores desafios do MST, hoje, é como manter, após a conquista de terra, como manter as pessoas vinculadas ao Movimento, é como dizer para elas, isso é uma ampliação de consciência, como dizer pra elas que a conquista da terra não é um fim, a conquista da terra é um passo.

## ENTREVISTADOR

Eu acho que também só conquistar a terra não garante... tem que ter a força do Movimento para lutar pelos outros direitos.

## ENTREVISTADO

Exatamente. Conseguir financiamento, conseguir crédito para trabalhar... A agricultura é o setor da economia muito complicado, a agricultura depende das condições climáticas, se chover mais, se chover menos, colhe mais ou colhe menos, se der sol em excesso, colhe mais ou colhe menos, depende das condições climáticas. Então a atividade de risco em que depende das condições do clima, se cair uma geada e matar o milho, não vai produzir milho nunca. Então é um setor que depende da estrutura econômica e administrativa do país. Se você pegar os países europeus desenvolvidos que um dia todos fizeram reforma agrária, a agricultura está privilegiada, o governo financia compra de máquinas, compra de insumos... no Brasil cada vez aumenta a crise na agricultura, aliás, nos últimos dez anos é o setor da economia que mais... mais... dificuldades passou.

## ENTREVISTADOR

A conquista da terra é o começo da transformação?

## ENTREVISTADO

São três grandes objetivos do MST: luta pela terra, luta por reforma agrária, e condições de trabalho no campo, e luta para transformação da sociedade. Ele acha que só a reforma agrária, ela é importante, mas ela não é o... digamos que dessem a reforma agrária amanhã, nós íamos viver as mesmas injustiças, digamos que

nasce uma lei lá, o FHC assinasse: “Hoje, faço reforma agrária, não pode ter latifúndio com mais de mil hectares.” Ia ser um sucesso, ia ... nas terras todas, mas amanhã não teria preço para os produtos, não teria financiamento, não teria crédito, os preços nos mercados seriam controlados por grandes indústrias, enfim, a reforma agrária não seria acompanhada de outras mudanças necessárias para a sociedade. É por isso que uma das plataformas do MST é mudar a nossa sociedade, mudar a estrutura econômica e política que aí está, que é concentradora... o Brasil é um dos países de pior distribuição de renda no mundo, é impressionante, a gente não percebe muito isso, mas de fato é o que acontece... O MST aponta também para esse caminho. Às vezes as pessoas têm dificuldade de perceber isso no MST, mas ele aponta para essa outra problemática. Por isso a luta do MST tem que necessariamente ir além do campo, ir além da terra, ir além da reforma agrária. Isso a gente procura fazer, ampliar isso dentro do nosso militante, da nossa base, avançar nesse nível de compreensão, e também discutir com a sociedade, dizer isso pras pessoas.

#### ENTREVISTADOR

Você com toda essa sua participação, como é que você se sente quando você deve orar, rezar em grupo, você se sente bem ou você já acha que está perdendo tempo ali, que ali não está te adiantando. Você sente isso?

#### ENTREVISTADO

Eu acho que pelo contrário, eu gosto disso, eu, particularmente.

#### ENTREVISTADOR

Por quê?

ENTREVISTADO

Não sei.

ENTREVISTADOR

Você gosta de estar ali, orando, nos encontros... nas celebrações ecumênicas?

Por que tem muito no MST, não tem?

ENTREVISTADO

... construir esse negócio, então eu gosto muito de fazer mística, de construir, mas tem uma equipe nacional no MST que é expert em organizar esse tipo de coisa. E eu me envolvo muito em eventos nacionais, nessa parte.

ENTREVISTADOR

Tem momentos bons.

ENTREVISTADO

Sem dúvida nenhuma. E há a participação de todos os dirigentes do Movimento, a gente discute isso do ponto de vista organizativo, os dirigentes participam da elaboração das místicas.

ENTREVISTADOR

Você acha que todo mundo gosta ou tem dirigentes que já acham que precisam, vamos dizer assim, pensar nas coisas mais práticas... deixa isso pra base...

ENTREVISTADO

Eu acho que não. Eu acho que felizmente o MST preserva esse negócio do dirigente também faz essas coisas ecumênicas, também faz mística.

ENTREVISTADOR

Você, como líder, você faz isso porque você acha importante para o MST ou é importante também pra você?

ENTREVISTADO

As duas coisas.

ENTREVISTADOR

Por isso que eu estou perguntando, você já falou que todas as lideranças do MST fazem um trabalho educativo, de formação de consciência que não é uma coisa, digamos assim, organizada, porém que vai acontecendo na convivência. De qualquer forma, você se considera um educador?

ENTREVISTADO

Sem duvida nenhuma, eu acho.

ENTREVISTADOR

Você passa a tua experiência?

ENTREVISTADO



Eu acho que isso está presente em mim e nas pessoas, porque às vezes as pessoas acham assim, que em geral em partido de esquerda, em movimento de esquerda, tende a se pensar o seguinte (inaudível) ...pra poder voltar pro MST. “Ah, o cara virou dirigente do partido, do sindicato, então ele esquece esse... esquece essas coisas todas, esquece um pouco a sua origem.” Porque o MST preserva isso, é um dirigente do Movimento, mas é um cara que ajuda a fazer lista, pega o violão e toca uma música, escreve uma poesia...

#### ENTREVISTADOR

Quando você faz isso, você faz um pouco como um educador, porque você acha que aquelas pessoas estão naquele grau de consciência, mas que depois elas vão ultrapassar esse grau de consciência?

#### ENTREVISTADO

Eu faço pelas duas coisas.

#### ENTREVISTADOR

Pelas duas coisas?

#### ENTREVISTADO

Pelas duas coisas. Porque pessoalmente isso é bom, e também é um processo educativo, acho que as duas coisas. Importante a sua observação. No MST é o seguinte, a gente aprende, a militância se espelha muito nos dirigentes, a base se espelha nos militantes, e os militantes se espelham nos dirigentes. Como a gente quer construir um movimento sério, os dirigentes têm que dar bons exemplos.

Então as duas coisas, dar exemplo e convicção pessoal, que isso é importante. Eu não tenho nenhum problema de chegar num momento, em qualquer encontro que tiver 100, 200 mil e cantar uma música, declamar uma poesia...

ENTREVISTADOR

As pessoas num trabalho de base perguntam pra você se você acredita em Deus? Você responde abertamente?

ENTREVISTADO

O que eu diria?

ENTREVISTADOR

É. Você diz como você disse pra mim: “Olha, não sei. Já acreditei de uma forma, hoje já...”

ENTREVISTADO

Vou usar um termo educativo para responder a pergunta, educada e muito... carinhoso para responder para aquelas pessoas, mas não retirarei minhas condições, óbvio, mas eu vou responder de forma que não ofenda a pessoas... Já fiz isso, faço isso frequentemente.

ENTREVISTADOR

As pessoas não pedem um pouco respostas, assim... não querem que você aponte um caminho: “O que eu devo fazer agora?” As pessoas não esperam das lideranças, dos dirigentes que tomem decisões?

## ENTREVISTADO

Aí a resposta, nessa resposta o que eu diria? Esse negocio quem vai ter que fazer vamos ser nós mesmos, não vai ser eu, o José Luiz, que vai determinar, dar uma solução. É normal chegar num acampamento, aqui no Rio de Janeiro, sobretudo, e as pessoas dizerem: “E aí? Cadê a nossa terra?” Mas nós não somos o Estado, nós somos um movimento social, a gente trabalha isso, a gente trabalha com as pessoas dizendo isso.

## ENTREVISTADOR

Você acha que a Igreja conservadora é um empecilho ao MST, quer dizer, é uma força que luta contra o MST? Você acha que muita gente deixa de entrar no MST porque pensam assim: “Ao invés de eu lutar pela terra, eu vou entrar nessa Igreja porque aqui eu acho que com fé, com esse pastor, eu vou conseguir as coisas?”

## ENTREVISTADO

Não é isso não, não é empecilho, mas ela em muitos casos assusta e amedronta às pessoas, em muitos casos, tanto a base rural dos Sem Terra, quanto à opinião pública como um todo. Não é que seja um empecilho, mas ela... ela se limita a informar às pessoas sobre o que é a realidade, é uma ausência de informação, também nesse setor, uma ausência de informação e uma ausência de compromisso, na verdade, por um setor ultra-conservador da Igreja Católica, e das igrejas em geral.

## ENTREVISTADOR

Ela atrapalha, então?

ENTREVISTADO

Eu acho que elas impossibilitam que a organização popular avance, e que as condições dessas pessoas também avancem, tenha entendimento da realidade.

ENTREVISTADOR

Acontece também de as pessoas se colocarem da seguinte forma: “Ah, eu não quero participar, eu acho que essa ação de ocupar terra, é uma ação violenta, vai contra os meus princípios religiosos.”

ENTREVISTADO

(riso) As pessoas têm a liberdade de dizer.

ENTREVISTADOR

Você fala o quê pra uma pessoa que fala isso pra você.

ENTREVISTADO

Eu falaria, eu acho que eu diria assim, uma resposta em outros termos, o que você sabe sobre o MST, onde é que você viu falar que o MST é um movimento violento e tal, acho que eu jogaria a pergunta de volta, para depois debater com ela.

ENTREVISTADOR

“Ah, eu vi no jornal...”

ENTREVISTADO

Eu vi no Jornal Nacional não sei o quê e tal...

ENTREVISTADOR

As pessoas entram com foice, aí vem a polícia e não sei o quê...

ENTREVISTADO

Eles perguntam isso.

ENTREVISTADOR

E não perguntam também: “Não é errado você invadir a terra de outra pessoa, aquela terra de outra pessoa, isso não é errado.”

ENTREVISTADO

Em geral os camponeses são muito compromissados, são muito de princípios, o camponês é fiel e tal.

ENTREVISTADOR

A religião ajuda...

ENTREVISTADO

Incentiva isso de compromisso, de responsabilidade e tal, a gente passou na história do MST e passa até hoje por essas barreiras. A pessoa pergunta: “Vamos

ocupar a terra? Tem uma terra do fazendeiro tal.” Então isso também faz parte do processo do MST de informação, de ir esclarecendo às pessoas sobre a realidade.

#### ENTREVISTADOR

Você acha que o MST só pode ser formado por camponeses? Quem é que pode entrar no MST?

#### ENTREVISTADO

Não necessariamente. Pode e existem muitas pessoas que participam, e que ajudam e dão altíssimas contribuições para o MST, que trabalham com o Movimento: artistas, intelectuais, professores, enfim, há uma participação muito ampla no MST. Óbvio que as pessoas não necessariamente tenham que ir e pegar a sua terra, eles contribuem em outro nível dentro do MST. Aqui no Rio de Janeiro, está aparecendo um grande círculo de amigos artistas, intelectuais, que nos apóiam, e freqüentemente estamos nos reunindo com eles, estamos trocando idéias sobre o MST. Mas não necessariamente elas têm que virar Sem Terra para entrar no MST para apoiar, não necessariamente tem que ir para o acampamento.